

O Pinto novamente renascido

1. Thomaz Pinto Brandão, poeta português, autor do livro *Pinto Renascido* (1), deixou publicados nesta obra um conjunto de poemas que têm como motivação fatos ocorridos no Brasil.

Nascido na cidade do Pôrto, em 5.3.1664, filho de Gonçalo Pinto Camello, advogado na Relação, e de Isabel Brandão, casal que não conseguiu "nunca os favores da fortuna, porque a sua extravagância o costuma distribuir muytas vêzes pelo que menos os merece" (2).

Tendo estudado latim na "idade pueril", e aprendido gramática, Thomaz Pinto Brandão transfere-se para a Côrte aos dezessete anos com intenções de vencer na vida.

Deixa a casa de seus pais e a "sua Pátria" (3) no ano de 1681, quando chega a Lisboa, onde passa quatro meses sem encontrar valimento ou sem achar "nenhum modo de viver honestamente". Resolve então o jovem portuense, como todos os seus patrícios, "ir viver da sua argencia em outro mundo, passando ao nôvo" (4).

Ainda na metrópole, Capital do Império Português, conhece Thomaz o baiano e poeta Gregório de Mattos e Guerra (5), respei-

tável ex-magistrado em Lisboa, que está de viagem marcada para o Brasil, a Bahia, com cargo ou função a exercer na Cidade do Salvador, junto às autoridades eclesiásticas.

Encantado com o talento e o temperamento do jovem Thomaz, resolve Gregório de Mattos e Guerra levá-lo consigo para o nôvo mundo, sendo esta amizade e êste convite o resultado de uma "semilhança dos gênios ambos juvenis e picantes".

Aportando na Cidade do Salvador TPB assenta praça, servindo ao Rei no Têrço. Auxiliado por GMG, ou como diz o seu anônimo biógrafo, "com a mesa do amigo", mais o sôlido ganho no Têrço e mais ainda o resultado de "algum grangeio do jôgo", pode o poeta sobreviver, acolhido pela sombra amiga das varandas e a doçura dos canaviais do Recôncavo baiano, nesta nova terra onde êle "não só passava com o estado decente, mas lhe abrangia para as estravagâncias de môço".

A amizade e a influência de Gregório de Mattos e Guerra sôbre TPB vem enunciada na citada biografia como tendo o poeta baiano incitado nêle o "seu espírito agudo, e picante, a que o seu perspicaz engenho soube iluminar com hum emphasi específico, que brilhava não só nas suas composições mas nos seus ditos".

E verdade que ambos os poetas andaram enturmados durante certo período de suas vidas, percorrendo as casas de engenho do Recôncavo baiano, fazendo calaçarias, torneios, amando negras e mulatas, como bem pode ser comprovado através de muitas alusões na obra apógrafa do poeta brasileiro.

Aliás hoje em dia torna-se obrigatória, para quem estude o genial poeta baiano, uma vista d'olhos na obra impressa e manuscrita do TPB (6). Não sabemos até que ponto estas obras poéticas se confundem, são um trabalho a quatro mãos — principalmente a de GMG, que não foi impressa em vida — ou uma obra de fatura coletiva resultante da tarefa incansável dos copistas de manuscritos.

Deixando-se envolver pelo clima de licenciosidade, de paixão política reinante na Capital da colônia portuguesa, a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, TPB por "travessuras da idade", segundo a explicação simplista do seu biógrafo, é prêso em 1693 por ordem do então Governador e Capitão General Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho.

Pedro Calmon (7) escrevendo sôbre o assunto, diz que Antonio Luiz, o Governador, foi "nefasto a Thomaz Pinto Brandão e Gregório de Matos", pois ambos, em datas e por caminhos diferentes, foram encarcerados e remetidos para o Reino de Angola.

As razões desta viagem forçada dos dois poetas e amigos não estão bem claras. Sôbre Gregório escrevemos um artigo (8) que levanta uma série de questões e apresenta uma documentação nova. Sôbre Thomaz, como também sôbre GMG, Pedro Calmon lança a

hipótese de que teria sido uma pendência entre o Governador e um rico contratador de dizimos, João Rodrigues dos Reis, amigo dos poetas, e as sátiras daí advindas, a causa da prisão e do posterior "degrêdo".

O fato é que o poeta Thomaz passa uma temporada na cadeia, tendo peticionado ao referido Governador para sua soltura, porém "Implacável aquelle cavalheiro depois da prisão de hum anno o fez sentenciar ao degrêdo", não executando a sentença por ter o seu govêrno expirado antes (9).

Assume o poder D. João de Alencastro, Capitão General amigo da poesia que "lhe comutou o degrêdo para lugar de clima menos aspero, trocando pelo Rio de Janeiro o de Angola".

Aí nesta cidade de S. Sebastião, para onde só poderia ter seguido depois de maio de 1694 (10), o "seu genio sempre propenso a travessuras, e satiras", mesmo tendo servido novamente nas tropas, descontenta o Governador Luiz César de Menezes, Alferes-Mor do Reino, e vai outra vez para a prisão. Volta o poeta a compor petítórios em verso (11), rogando a liberdade; palavras que não comovem a autoridade, pois agora o poeta sai da enxovia para Angola.

Para a fixação destas datas e personagens históricos aqui manipulados estamos seguindo as indicações da biografia anônima, mas não podemos deixar de apontar uma discrepância nas informações referentes à prisão de TPB. Prêso em 1693, como diz o relato biográfico, e tendo passado um ano ou quase um ano na prisão, TPB é condenado ao "degrêdo" por Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, o qual não executa esta sentença pois vê o seu govêrno terminar, em maio de 1694, sem praticar tal ato. D. João de Alencastro toma posse em maio de 1694 e comuta o "degrêdo" de Angola para o Rio de Janeiro, o que só deve ter ocorrido em maio ou depois de maio do mesmo ano. Até aí tudo bem. O esquema só não encaixa quando vemos que Luiz César de Menezes, Governador da Província do Rio, deixa aquêlo pôsto, em "25 de março de 93", conforme o Visconde de Pôrto Seguro (12), e também Pedro Calmon (13), o qual em nota de pé de página, de nº 21, da sua *História do Brasil*, vol. 3, diz que Luiz César "Deportou do Rio para Angola o poeta Tomás Pinto Brandão, a quem em seguida protegeu...".

Para que Pinto Brandão tenha sido enviado para Angola por Luiz César de Menezes, do Rio de Janeiro, êste castigo foi impôsto antes de "25 de março de 93", data do término da gestão Menezes, colocação que invalida o ano de 1693, conforme a biografia, para a prisão na Bahia por Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho.

Chega o autor do *Pinto Renascido* na cidade de São Paulo d'Assunção, Capital do Reino de Angola, onde o Governador, por recomendação de César de Menezes, prende-o com ordem de "carregar ferros".

Novamente aqui a biografia suscita dúvidas. Qual o Governador de Angola? Henrique Jaques de Magalhães, que chega em Angola para assumir o cargo em setembro de 1694, ou Gonçalo da Costa, seu antecessor? Diante do que nos informa a notícia biográfica, não pode ter sido Henrique Jaques, pois Luiz César deixa o governo da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em março de 1693. A não ser que coloquemos o assunto sob outro ângulo, admitindo que o poeta tenha perdurado na prisão durante o mandato de Antonio Pais Sande (25.3.1694/7.10.1694), sucessor de Menezes na Província do Rio de Janeiro, e que tenha êste executado a sentença de "degrêdo".

Após a cadeia em Angola, durante três meses, é o poeta remetido para Benguela com a finalidade de "servir naquelle Presidio" (14). Aí neste sítio começa TPB uma nova fase da sua vida, agora cheia de fortuna, quando é nomeado Capitão de Infantaria e acaba senhor de setenta escravos, "grangeados por negócio, outros na guerra".

A passagem de TPB por Benguela cresce em pitoresco quando sabemos da notícia de que neste recanto obscuro da África um português aventureiro mantém "uma amizade bem estreita, mas não legítima com *Nana Ambundo*, sobrinha da Rainha *Ginga*, e neta do grande Rei *Caconda*" (15).

Continuou o poeta exercitando os misteres militares, até que chega em Angola Luiz César de Menezes (16), o qual liberta o poeta por ter visto "satisfeita sua vingança", e permite que o mesmo retorne ao Rio de Janeiro.

Novamente no Brasil, agora em outra situação, acompanhado da sua "negraria", chega ao Rio fazendo presente de escravos, vendendo outros e reservando alguns para seu serviço.

Casando-se no Rio — a biografia não informa quando, nem com quem — segue para Lisboa, pelos anos de 1703, onde vai peticionar o "Habito de Cristo pelos serviços prestados na Bahia, Rio e Benguela".

Com os recursos amealhados em África, o poeta TPB passa a ter uma vida larga, freqüentando as comédias, as casas de jôgo, gastando opulentamente o que juntou em Benguela.

Narra o biógrafo que a sogra do afortunado poeta, diante da vida perdulária que levava o genro, inicia contra êste uma campanha difamatória, conseguindo que o nosso Thomaz fôsse novamente encarcerado, agora em Lisboa.

Como as poesias dêste pródigo poeta haviam agradado e divertido "os maiores do Reino", êstes trataram logo de transferi-lo da "Cadeya fechada para a casa do carcereiro", e em seguida o libertam.

Vive TPB em Lisboa uma vida de dissipação até findar-se o seu dinheiro, ficando pobre "nos jogos de banca". A partir dêste momento passa o poeta a viver da poesia, transformando-se em um

áulico, em autêntico explorador das musas, um aproveitador das situações e da vida humanas, como fica bem claro neste trecho da notícia biográfica: "se inclinou a entreter-se com as nove irmãs que não pertendendo nada dos homens os enriquecessem com os seus favores, e os achou tão propícias as suas invocações, que lhe inspirarão hum furor tão feliz, que não havia soccesso notavel que não fosse assumpto das suas poezias".

A sua notoriedade na côrte é evidente, pois o poeta tem as suas produções celebradas e todos "faziam diligencias para as conservar trasladadas", tendo freqüentado a Academia dos Anônimos, a dos Aplicados, a dos Ilustrados e a Portuguesa ou Ericeiriana (17).

O pagamento com uma farta refeição ou com um punhado de cruzados era o que recebia TPB por um poema festivo ou por uma sátira escrita "em papel de embrulhar assucar" (18), e que se reproduzia pela mão dos interessados em divulgar "a notícia dos factos que chamavam a attenção publica, e que tinham sempre em Thomaz Pinto Brandão o seu chronista picaresco, o seu jornalista faceto" (19), quando também os seus versos não eram feitos para serem vendidos por cegos pelas ruas de Lisboa.

O auxílio, a admiração e a amizade, o valimento das pessoas ilustres na Côrte permite ao poeta a sua entrada no Paço, onde o soberano D. João V, "lhe fazia mercê de algumas porções de dinheiro", e chega mesmo a dar-lhe por Decreto o officio de Escrivão dos Defuntos e Ausentes, porém este cargo "não chegou a render-lhe nem para suprir o dezembolço para pagar na Chancellaria os novos direitos".

Depois deste período de aproximação com o Paço, e com a figura do Rei D. João V, TPB cai em desgraça e começa uma fase de diligente arrepellido da qual existem algumas produções poéticas.

Resolve então o poeta ordenar a sua obra para publicação, acreditando que seria possível tirar algum lucro com a edição, "engano em que cahem muitos escritores". Dedicava o poeta TPB o seu livro ao *Conde de Monsanto*, D. Luiz José Leonardo de Castro Noronha Ataíde e Souza, que paga o custo da impressão, tendo a obra circulado no ano de 1732, e logrado "aplauso universal do Reyno".

Aumenta a decadência e a pobreza de TPB, apesar de poeta festejado. Assistido pelo Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes, filho do seu perseguidor no Rio de Janeiro, segundo o biógrafo anônimo, o governador Luiz César de Menezes, TPB recebe moradia no sítio da Junqueira, junto ao Palácio daquêle nobre que agora lhe ajudava em tudo que era "precizo para a sua subsistencia".

Morre o poeta "Renascido" em 1743 (20), no dia 31 de outubro, com 79 anos, idade na qual a "Parca lhe cortou o fio a vida", tendo sido sepultado no Adro da Igreja do Calvário, em Lisboa.

Diz a biografia anônima que TPB no momento da edição do

Pinto Renascido, a de 1732, mandou executar um seu retrato gravado. Lamentavelmente não contamos com esta edição, na qual *presumimos* estar a gravura, para comprovar a notícia e reproduzirmos o "retrato" do poeta, "que abriu muito ao natural o Engenho de *Monsieur de Brie*, na idade de 66 annos, em que se achava, a que elle fez accrescentar por orla com o seu nome estas palavras, *Viveu de alegrar a gente, e morreu de fome*. Acompanhou o artífice ao pé da effigie a Musa *Talia*, com seus instrumentos, e hum Satyro como os Antigos o pintavão, que com huma mão pega em huma folha de papel, em que se lê *Pinto Renascido*, e mais abayxo esta Redondilha.

*Se para ti, porque aqui
Sucinta verdade ha,
Alguma te amargará,
Mas bom he ler para ti.*

E ao pé do Satyro este Epigrafi, *Irridens cupide figo*, que significa o mesmo que dizer zombando as prego; porém este aditamento foy travessura do Abridor da Estampa, e não reprehensivel jactancia do Autor".

2. A intenção dêste trabalho não era retomar ou refundir uma biografia divulgada no século XVIII, sem a necessária revisão, sem a consulta de fontes outras, mas tão-sòmente antologar uma série de poemas que são *preciosos documentos histórico-culturais* sòbre o Brasil, porém fomos rendidos pela vida novelesca do seu autor, pela profusão de fatos que marcam a personalidade do poeta TPB, cuja existência é tão semelhante, em certos pontos, a do seu companheiro Gregório de Mattos e Guerra.

Não foi só o liame existencial entre os dois poetas que levou-nos a fazer uma coletânea de versos de TPB, mas também o conteúdo da fatia ou fase brasileira do poeta português, praticamente desconhecida dos especialistas e público brasileiros. É TPB um dos poucos autores lusos, dos séculos XVII e XVIII, em poesia, que dão ao Brasil um destaque temático, certamente motivado por sua presença na Bahia e no Rio de Janeiro. São alusões a nossa fauna e flora, ao nosso ouro, aos nossos tipos, a nossa história, matéria muitas vêzes tratada com uma tônica satírica e de grande valor documental.

É curioso observar como TPB, poeta que foi lido em Portugal, com quatro edições do *Pinto Renascido*, não é levado em conta pelos especialistas em história da literatura portuguesa, aparecendo o seu nome referido em uma obra atual (*Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega* — direção de Jacinto do Prado Coelho — Pôrto, Livraria Figueirinhas, 1960) em dois verbêtes que não dizem respeito ao poeta; um verbête sòbre a cidade do *Porto*, no qual TPB vem citado no rol de indivíduos "inclinados a actividades do espirito"

(*Dicionário*: p. 626 B), e um verbete sobre *Quixote (Dom) e o Qui-xotismo*, no qual há referência de um romance de TPB sobre “Dom Quixote, investindo a hum Moinho de vento” (*Dicionário*: p. 669 B). (21).

Não podemos deixar de registrar que Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXVI, Tomo Septimo, p. 354/355, dedica um verbete ao poeta TBP. O *Pinto Renascido*, neste verbete aparece referido na sua primeira edição de 1732, e segundo Innocencio há “d’este livro segunda edição, que ainda saiu posthuma, se não me engano impressa em 1753, na Offic. de Pedro Ferreira, 4º, sendo editor Reinerio Bocache, accrescentada com a vida do poeta e ornada com o seu retrato”. Como vemos, Innocencio estava redondamente enganado, pois a edição de 1753 não é a segunda e sim a quarta, com a qual trabalhamos, e nela não aparece o “retrato” (gravura) do poeta. Diz em seguida o mesmo Innocencio que esta edição foi ignorada por Diogo Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana, Histórica*, [etc.], Lisboa, MDCCXXXVI) “que d’ele não faz menção na sua *Bibl.*”

A obra poética de TPB foi impressa no século XVIII — outra parte permanece manuscrita e dispersa — existindo na *Biblioteca Nacional de Lisboa* (22), quatro edições do *Pinto Renascido*, de Thomaz Pinto Brandam, a saber:

- Edição de 1732, Lisboa, Oficina de Musica. (BNL; Ref. L. 17.071P).
- Edição de 1733, Lisboa, Oficina de José António. (BNL; Ref. L. 1159/60A).
- Edição de 1752, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira. (BNL; Ref. 44.314P).
- Edição de 1753, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira. (BNL; Ref. 23.033P).

Destas quatro contamos com a edição de 1753 para a realização da recolta, exemplar de livro encontrado na Bahia, Cidade do Salvador, e pertencente ao acervo da *Biblioteca Severino Vieira*, da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção da Bahia (23).

Retiramos do livro para este trabalho os poemas que têm uma vinculação com o Brasil, que abordam um fato histórico, que retratam um acontecimento social, que são vivência do autor no nôvo mundo, que enfocam personalidades e que destacam uma riqueza ou produto natural da terra brasileira, a saber, por ordem de entrada na obra:

- a) — Ao Governador Luiz César de Menezes; na Bahia, estando o Autor Reo prezo. / SONETO. 28.
(*Brandão*: op. cit. p. 17).

- b) — Ao mesmo Governador teimozo em o não sol-/tar. / SONETO. 29.
(*Brandão: op. cit. p. 17/18*).
- c) — Avizos para os Brasileiros chamados Man-/dús, que vieram à Corte a requerer. / OITAVAS.
(*Brandão: op. cit. p. 34/40*).
- d) — A primeira invasão, que os Francezes fizerão / no Rio de Janeiro, aonde bastarão os Estu-/dantes, e os pretos a destruillos; porque / o Terço da Infantaria, que lá se acha-/va, estava no campo apé quedo, no tem-/po em que o inimigo entrava pela Ci-/dade: nesta função obra-/rão os Pa-/dres da Companhia como sem-/pre, e as mais Religioens fu-/girão com o Bispo. / DECIMAS.
(*Brandão: op. cit. p. 97/100*).
- e) — Ao novo invento de andar pelos ares / DECIMAS.
(*Brandão: op. cit. p. 173/174*).
- f) — No Rio de Janeiro mandou prender ao Au-/thor o Governador, por fazer nisso a von-/tade a hum seu valido, que se queixa-/va do dito Author: caso negado. / ROMANCE. / EM ECCOS.
(*Brandão: op. cit. p. 195/197*).
- g) — Ao Senado da Camera da Bahia, que man-/dou prender a hum Escrivão, chamado / por alcunha o Pilatos, estando o / Author prezo. / DECIMAS.
(*Brandão: op. cit. p. 198/199*).
- h) — Ao Mestre de Campo João de Araújo, que lhe / mandou da Bahia hum feixo de assucar, e / huma carta, que só servia de capa ao / Conhecimento, sem mais letras. / ROMANCE.
(*Brandão: op. cit. p. 202/206*).
- i) — Ao amigo Assucar, já restituído ao seu an-/tigo posto de oitenta réis, por El Rey Nos-/so Senhor. / DECIMAS.
(*Brandão: op. cit. p. 217/218*).
- j) — Petição, que fez o Author da Cadea da Bahia/ ao Governador, que se hia descuidando / na soltura / DECIMA.
(*Brandão: op. cit. p. 248*).
- l) — Estando a Serenissima Infanta a Senhora D. / Francisca, em huma janella, brincando / com hum Saguim, mandarão ao Author, que fizesse a tal assumpto / hum Romancinho. / ROMANCINHO.
(*Brandão: op. cit. p. 282/283*).
- m) — Foy assumpto Academico huma moça, que vin-/dolhe noticias de que era morto hum aman-/te, que tinha

no Brazil, se vestio de luto / com capello; e chegando-
lhe outra noticia / mais certa, de que era vivo o tal,
cahio / morta, e morreo para sempre. / ROMANCE.
(*Brandão: op. cit. p. 382/386*)

Além das composições poéticas acima elencadas vamos encontrar na obra de TPB, ainda na edição de 1753, algumas referências sobre o Brasil, que resolvemos registrar nesta breve introdução, e que não farão parte da recolta. São pequenos trechos alusivos a um assunto ou personagem brasileiro:

"O Terço de Henrique Dias
duas fileiras formava,
para fillas, fortes bichos!
para as minas, bellas alas!
Mil homens todos de berne,
por Irmãos de hum Grão Monarcha,
Infantes me parecião,
sim, pela hostia sagrada": (24)

(No Certamen Patriarchal, onde os premios fo- / rão Livros, entra o
Author com este Ro- / mance, no assumpto, em que era pre- / ceito serem
oito Oitavas: sendo to- / da a materia a Prociissão, que / aqul se pinte,
ou se descreve. / ROMANCE.

(*Brandão: op. cit. p. 56. V. 81 a V. 88*)

"Digo, que tem Vossa Alteza
hum Pinto para o servir;
e se o quer bem criado,
deitelhe grão do Brasil."

(Tendo noticia o Author, que o Serenissimo Prin- / cipe o Senhor D.
Joseph dizia, que queria / ler os versos de Thomaz Pinto, estando / ainda
na tenra idade de seis annos, / lhe faz estes versos de / ABC / ROMANCE.
(*Brandão: op. cit. p. 93. V. 137 a V. 140*)

"Porque na America veja
da Bahla até o Peru,
que são tudo pomos de ouro
as Bananas, e os Cajus."

(Segunda versão de versos de ABC para ler / o sobredito Senhor /
ROMANCE. / *Brandão: op. cit. p. 95. V. 53 a V. 56*)

"Mas se quer nadar em ouro,
vasse ao Rio de Janeiro;
(que não seria o primeiro,
que para lá fosse em couro;)"

(A huma barquinha de couro, em que nave- / gava no Tejo hum Inglez,
que aqul veyo / com ella, e a trazia dobrada debaixo do / capote, em quanto
a não estendia na agua, sendo o seu assento na popa hum odre, que / enchia
de vento. / DECIMAS.

(*Brandão: op. cit. p. 231. D. 3. V. 1 a V. 4*)

Além destas composições das quais transcrevemos pequenos trechos, vale fazer menção, agora somente do título, ao poema "Ao Padre Bartholomeu Lourenço lendo na / Academia" / DECIMAS, (*Brandão: op. cit.* p. 378/379), e ao poema "A vida e morte de um coelho, morto pela Serenissima princeza dos Brazis" (25).

Para a fixação do texto poético de TPB, que o leitor irá encontrar na antologia ou coletânea de *Poemas Brasileiros do Pinto Renascido*, realizamos um trabalho de estiva que foi melhorado graças a colaboração da Prof^a Rosa Virginia Mattos e Silva, a qual é nossa parceira nos critérios para estabelecimento do texto, que são:

1. Manteve-se a pontuação do texto base.
2. Mantiveram-se as iniciais maiúsculas em todos os casos em que no texto ocorrem, não só em nomes próprios como em vocábulos de outras categorias deste modo ressaltados nos poemas.
3. Atualizou-se a grafia conforme as normas ortográficas hoje em vigor, desde que tais atualizações não deturpassem as características lingüísticas de então:
 - a. Simplificaram-se consoantes geminadas — *cc*—, *ll*—, *tt*—, *ff*—, *mm*— (por exemplo: *peccado, daquelle, attenção, communs*).
 - b. Sistematizou-se a grafia das sibilantes surdas e sonoras: *peça* em vez de *pessa*, *teimoso* por *teimozo*, *conseguido* por *conceguido*, etc; sistematizou-se também a grafia das palatais sonoras: *sujeito* e não *sugeito*, *lisonjeiro* e não *lisonjeiro*.
 - c. Eliminou-se o *h* não usado na ortografia atual, assim grafou-se *é, ir, sair* e não *he, hir, sahir*.
 - d. Para a oclusiva fechando sílaba como em *facto, mente-cpto, excepto, prompto, conflict* adotou-se a norma ortográfica brasileira exceto quando entram em jôgo questões de rima.
 - e. Adotou-se, segundo as lexicalizações de hoje, a grafia *enfim* e *então* em vez de *em fim* e *em tão*; por outro lado em vez de *Riodouro, ati* e *háde* leu-se *Rio Douro, a ti, há de*. As enclíticas se separaram pelo hífen; quando o pronome enclítico é *o, a, os, as*, sob a forma *lo, la, los, las* seguindo um infinito, adotou-se também o hífen e simplificou-se o *l* geminado, indicando-se a tonicidade da última sílaba pelo acento: *vello, fazello* leu-se *vê-lo, fazê-lo*.
 - f. Para as vogais átonas adotou-se a grafia de hoje, mesmo que a representação gráfica do texto possa representar uma realidade fônica de então. Assim preferiu-se *acumulado* a

acomulado, melhora a milhoras, ruina a roins, bugio a bogio, fugio a fogio, fugir a fogir, peregrina a perigrina, viverei a vivirey, quasi a quase, etc. Para as semivogais adotou-se a grafia *i* e *u* em vez de *y* e *o*, como está no texto: *reu, pediu, ensaio, fui por reo, pediu, ensayo, fuy, etc.*

4. Mantiveram-se *impida, crucifege, absolto* próprios à morfologia verbal de então, hoje desaparecidos do sistema verbal do português.
5. Mantiveram-se sem atualizar as formas *fermosa, vitola, postrar, feixo*, (por *formosa, bitola, prostar, feixe*), *doudo* e *cousa* (por *doido* e *coisa*) uma vez que a atualização muito provavelmente desfiguraria um uso corrente, na época em que o texto foi escrito. Manteve-se também o uso espanhol *Virrey* por *Vice-rei*.
6. Corrigiram-se os erros tipográficos evidentes e tais correções estão indicadas em notas.

Adicionamos ao final da recolta de *Poemas Brasileiros do Pinto Renascido* um pequeno glossário, para o qual utilizamos os dicionários de Raphael Bluteau, de Antonio de Moraes Silva, de Caldas Aulete, de Manoel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez, e de Eduardo de Faria.

FERNANDO DA ROCHA PERES

1 Brandão, Thomaz Pinto. *Pinto / Renascido, / Emmpenado, e Desempenado; / Primeiro Voo, / Dedicado, e offerecido ao Senhor Capitam / Jozé da Costa Pereyra / Cavaleyro professo da Ordem de Christo. e Familiar do S. Officio da Inquisição deste Reyno, / Acrescentado com a vida do seu Autor, e reimpresso / por Reynerio Bocache, / composto por Thomaz Pinto / Brandam. / Lisboa: / Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustis- / sima Rainha N. S. Anno de M.DCC.LIII. / Com todas as licenças necessarias.*

2 *Vida Socinta, e Abreviada / do Autor. / Por hum dos Academicos Aplicados seu Con- / temporaneo. In: Pinto Renascido, [etc.]*, [fólia preliminar 12 a fólia preliminar 19].

3 *Pátria* — A terra, villa, Cidade ou Reyno, em que se nasceo. Ama cada hu a sua patria, como origem do seu ser, & centro do seu descanso. (Bluteau, 1720, p. 320). *Patria* no texto da *Vida Socinta, [etc.]* tem o significado de *Cidade*, no caso a do Pôrto, terra natal de TPB.

4 Para o autor anônimo da *Vida Socinta*, [etc.], in: *Pinto Renascido*, (etc.) o novo mundo é aquela "grande extensão de terra, que *Christovão Colon* foy reconhecer por noticia do Portuguez, *Afonso Sanches*, que a descobriu, e que *Americo Vespucio*, bautizou com o seu nome". Como vemos a "historieta" do descobrimento da América — e do Brasil — por Alonso ou Afonso Sanches ainda tinha curso no século XVIII, em Portugal. Thomaz Oscar Marcondes de Souza, no seu livro *O Descobrimto da América; e A Suposta Prioridade dos Portuguezes*, S. Paulo, Brasiliense, 1944, p. 112, diz sobre Afonso Sanches: "Entre o populacho da Espanha dizia-se que um piloto, do qual era desconhecido o nome, a nacionalidade, a direção da viagem e bem assim o nome do seu navio, colhido por ventos do levante, tinha sido impellido por fortissimo temporal a distancia longuissima, no meio do Atlântico, no qual tinha encontrado uma nova terra, nunca vista". Ainda Marcondes de Souza, em *op. cit.*, pp. 113/114, diz: "O nome do piloto, a sua pátria, a direção da sua viagem ao ser colhido pela tempestade, o lugar onde entregou a Colombo o falado roteiro, eram ainda para Gomara cheio de incertezas e contradições. Diziam que era andaluz e que navegava para as Canárias ou Madeira, outros queriam que fosse biscaíno e seguísse a rota para a Inglaterra, outros enfim referiam que era português e que traficava na costa da Guiné ou Mina".

5 Sobre Gregório de Mattos e Guerra publicamos uma série de trabalhos e estamos elaborando uma biografia. Em artigos já publicados fizemos as seguintes revelações, dentre outras: 1) Descoberta de um *Processo* de casamento de GMG com D. Michaela de Andrade em 1661, em Lisboa; 2) Neste *Processo* um depoimento do poeta, assinado, dizendo ter 25 (vinte e cinco) anos em 1661 (logo nasceu em 1636, e não em 1623 ou 1633), ter viajado da Bahia para Portugal, Lisboa, com 14 (quatorze) anos, em 1650, ter ido para estudar em Coimbra em 1652; 3) Descoberta de uma *Provisão Real* (D. Afonso VI) nomeando GMG para Juiz de Fora de Alcácer do Sal; 4) Levantamento das variantes dos cargos ocupados por GMG na magistratura portuguesa, conforme os consagrados autores da história literária brasileira, e fixação definitiva, documental, do exercício dos cargos de Juiz do Cível em Lisboa em 1671 e 1672, conforme *Memorial de Ministros* (Ms. da BNL) e as sentenças publicadas por Emmanuelis Alvarez Pegas.

6 Quando escrevemos o artigo *Gregório de Mattos e Guerra em Angola, Afro-Ásia*, nº 6-7, Jun-Dez/1968, Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, sentimos que Thomaz Pinto Brandão não poderia deixar de ser consultado. No *Pinto Renascido*, [etc.] nas páginas 200, 201, 202 localizamos um poema intitulado "Estando o Author de Caminho para Angola, potencia", que acaba de ser publicado como sendo de autoria de Gregório de Mattos e Guerra, na recente edição das *Obras Completas de Gregório de Mattos*, Salvador, Editora Janaina, 1968, vol. 7, p. 1600/1601, editorada por James Amado.

7 CALMON, Pedro — *A Vida Espantosa de Gregório de Mattos*, In: *Obras de Gregório de Mattos*, Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1933, Vol. 6, p. 50/51.

8 PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e Guerra em Angola. Afro-Ásia*. Salvador (6/7), 1968.

9 O *Governo de Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho (1690/1694)* termina em maio de 1694.

10 D. João de Alencastro só poderia ter comutado a pena de TPB depois da posse no *Governo* ou seja depois de maio de 1694.

11 São os dois sonetos, "Ao Governador Luiz Cesar de Menezes; na / Bahia, estando o Autor Reo preso" / Soneto. 28 (*Pinto Renascido*, / p. 17.) e "Ao mesmo Governador telmozo em o não sol- / tar / Soneto. 29. Há evidente uma contradição entre a biografia anônima (*Vida Socinta*,

[etc.], que situa TPB no Rio de Janeiro, nesta fase, sendo o governador Luiz Cesar de Menezes, e o Soneto 28, acima referido, que no seu título situa TPB na Bahia, sendo Governador Luiz Cesar de Menezes. Tendo TPB retornado para Lisboa "pelos annos de 1703" não poderia ter sido prêso na Bahia por Luiz Cesar, onde este foi Governador de "8 de setembro de 1705 a 3 de maio de 1710" (Varnhagen: *História Geral do Brasil*, S. Paulo, Companhia Melhoramentos, S. d. T. 5. p. 307). Na *Vida Socinta*, [etc], estes dois Sonetos tem uma vinculação com o degrêdo de TPB para Angola, por sentença de Luiz Cesar, no Rio de Janeiro (Governador: 17/4/1690 até 25/3/1696), o que não coincide com o título do Soneto 29 ("Ao Governador Luiz Cesar de Menezes: na / Bahia, estando o Autor Reo prezo").

12 VARNHAGEN, Francisco Adolfo — *História Geral do Brasil* S. Paulo, Companhia Melhoramentos, S. d. T. 5. p. 320. Diz Varnhagen: "Luiz Cesar de Menezes, nomeado por carta patente de 20 de janeiro de 1690; tomou posse a 17 de abril do mesmo anno e governou até 25 de março de 1693. Pizarro, Memórias. 4.57".

13 CALMON, Pedro — *História do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, vol. 3, p. 796.

14 *Presídio* — Gente de guarnição. Os soldados que estão em huma praça, para guardar, & defender do inimigo. *Praesidium*, ii. *Neut. Cic. Praesidiarii milites*. *Tit. Liv.* (Bluteau: 1720, p. 714) *Presídio* — A Praça, ou Fortaleza presidada. *Praesidium*, ii. *Neut. Cic.* (Bluteau: 1720, p. 714).

15 Consultamos o livro do Padre João Antonio Cavazzi de Montecúccolo, *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola*, Lisboa, 1965. Junta de Investigações do Ultramar, para uma notícia sobre os personagens citados. De referência a figura da Rainha Jinga — Mbandi — Ngola ou D. Ana de Souza (1582-1663), encontramos fartas informações no livro do Padre Cavazzi, o qual, inclusive, assistiu a morte da Rainha Negra. Sobre um filho de TPB com *Nana Ambundo*, diz a *Vida Socinta*, [etc], que o poeta escreveu estes versos: "Certo que foi bem nacido / E posto que hum tanto fusco, / Tinha a côr baça na pele, / Mas sangue Real no bucho".

16 Informa o *Catalogo dos Governadores do Reino de Angola* (in: *Arquivos de Angola*, Luanda, Repartição Centro de Estatística Geral, Vol. III, nºs 34 a 36, Dezembro de 1937): "Sucedeu a Henrique Jacques, Luiz Cezar de Menezes, que tomou posse a 9 de novembro de 1697, e governou quatro annos".

— Gastão de Sousa Dias, em *Os Portuguezes em Angola*, Lisboa, Agencia Geral do Ultramar, 1959. p. 171, diz que Luis Cesar de Menezes foi governador de "(1697-1701)".

17 Não conseguimos saber se TPB foi membro das academias nominadas na *Vida Socinta*, [etc.], ou se de fato somente as "frequentou".

18 CHAGAS, Manoel Pinheiro — *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mythologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, Lisboa, Imprensa de Joaquim Germano de Souza Neves. 1881. V. 9. p. 391.

19 Chagas, Manoel Pinheiro. *Op. cit.* V. 9. p. 391.

20 A data de 1743 para a morte de TPB é da biografia anônima, *Vida Socinta*, [etc.].

21 Este poema aparece na edição de 1753 do *Pinto Renascido*, p. 156/158, com o título "A Dom Quixote, investindo a hum Molinho / de vento. Foy assumpto / Academico". / ROMANCE.

22 Consultamos a BNL em carta de 1.4.1970 e obtivemos uma resposta (Ref. 1.1:77/70) em 2/5/1970, assinada por D. Reinalda Catarino Afreixo, que nos informou possuir a BNL quatro edições do *Pinto Renascido*.

23 Este exemplar do *Pinto Renascido*, de 1753, está bastante danificado, como aliás a maioria dos preciosos livros da *Biblioteca Severino Vieira*. No verso da capa há uma anotação manuscrita: "T. Norton / Lisboa 17 Jan[ei]ro. 1841 / (240)". No verso da primeira fôlha de guarda há outra anotação manuscrita: "comprado no leilão da livraria dos / condes de [..... e Azevedo] em / Lisboa, a 20 de novembro de 1922 / Jozé Pires". No anverso da segunda fôlha de guarda há um carimbo com as seguintes indicações: "Este livro faz parte da Biblioteca "Pires / de Carvalho", doada à Ordem dos Advogados do Brasil — Secção da Bahia, pelo / Governo do Estado, nos termos do Decreto-lei n. 12.464, de 17 de setembro / de 1942". Ainda no anverso da segunda fôlha de guarda outro carimbo: "Ordem dos Advogados do Brasil / Secção do Estado da Bahia / Biblioteca Severino Vieira". No canto superior esquerdo da fôlha de rosto, uma anotação manuscrita em tinta vermelha: *rarissimo*. Na fôlha-de-rosto em seguida ao nome Thomaz Pinto / Brandam vem a assinatura de: Jozé Pires Moniz de Carvalho, Ba[h]ia 1922. Na fôlha-de-rosto no canto inferior direito um carimbo de tombo da "Biblioteca Severino Vieira / O. A. — Bahia / e o n.º 757. Na página n.º 1 do livro, antecedida por 19 (dezenove) fôlhas preliminares, sem numeração, aparece o carimbo da CASA DE AZEVEDO.

24 Neste poema entre o V. 81 e o V. 87, à margem esquerda, aparece a nota: "Henri- / que Dias / foy Mes- / tre de / Campo / dos ne- / gros em / Pernam- / buco".

25 Este poema, como muitos outros arrolados por Innocencio (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXVI, Tomo Septimo, p. 354/355), teve impressão avulsa, em folheto, durante a vida do autor, e não aparece no *Pinto Renascido*.

ANTOLOGIA

POEMAS BRASILEIROS DO
PINTO RENASCIDO

TOMAZ PINTO BRANDÃO

AO GOVERNADOR LUIZ CEZAR DE MENEZES; NA BAHIA, ESTANDO O AUTOR. RÉU PRESO.

SONETO 28

Fortemente, Senhor, tem conspirado
contra o pobre Thomaz a Sorte dura,
pois não pode alcançar sua Soitura,
por mais que tem pedido, e tem chorado!

5 — Pedro pecou, mais bem afortunado
(que também há pecados com ventura)
pois bastou vê-lo Christo com brandura,
para logo o tirar daquele estado:

10 — Pecou Thomaz; mas chora bem sentido;
e pois consistem só duas melhoras
em que o vejais, senhor, enternecido;

Ponde, não permitais passem mais horas,
os vossos olhos neste arrependido,
e veja em Si, qual Pedro, O egressus foras.

AO MESMO GOVERNADOR TEIMOSO EM O NÃO SOLTAR.

SONETO 29

15 — Contra mim tem o ódio acumulado,
culpas que ainda não tenho cometido;
mas anda assim, postrado, e arrependido
me acilho a vossos pés, como a sagrado;
Confesando, porém, o haver errado,

20 — tereis, por mim, ó Cezar, conseguido
um poder, ao Divino parecido,
se fôr de vós absolto o meu pecado:

O crer que viverei com mais soltura
não embarasse o dar-me a liberdade,
25 — que então fica mais prêsa, e mais segura;

Pois ninguém negar pode, com verdade,
que é mais forte a prisão, muito mais dura,
se fica com o favor prêsa a vontade.

AVISOS PARA OS BRASILEIROS CHAMADOS MANDUS, QUE
VIERAM A CÔRTE A REQUERER.

OITAVAS

30 — Era o tempo, em que pálido retrata
um Mandu, como passa a noite fria;
já quando a pobre bôlsa não desata,
por fazê-lo ao pão nosso, cada dia,
já quando, enfim, trocado o ouro, e prata,
naquela funeral descortesia,
35 — que a todos os Mandus faz ver estrêlas;
e então para os Brasis largam a velas.

Oh tu, quem quer que és, (dizia, nu)
porque sendo Mandu, serás quem quer,
se é que do Rio vens, rico Mandu,
40 — a êste mar de Lisboa requerer,
nada, nada; e repara neste, oh tu,
princípio de Epitáfio; que a reu ver,
a pouco bracejar, te afogarás,
se aos mares te meteres contumaz.

45 — Pôsto que em cifra, aqui, Pinto o que sou,
outro tal como tu, talvez, me vi;
e podes crer, na morte com que estou,
que quando me descrevo, escrevo a ti;
mas, pois tal escarmento a tolos dou,
50 — *por flores, aprended, Mandús de mi,
que ayer fué maravilla mi grandeza,
y oy solo és perpetua mi pobreza.*

No Rio de Janeiro; o Rio Douro
mostrei que descobria, em várias cavas;
55 — distribuindo a mil oitavas de ouro,
que me custaram mais, que estas Oitavas;
mas como umas de outras são agouro,
em tal têrmo me põem as que são bravas,
que vindo à Côrte, a casos mui diversos,
60 — por meus pecados vim a fazer versos.

E ainda que converso nestes ratos,
não me ouvirás sentenças, nen conceitos;
pôsto que no processo de meus fatos
mereçam bem sentenças os meus feitos;

65 — conceitos direi, sim, de mentecaptos,
porque os não faças tu de tais sujeitos;
tão pouco me ouvirás humanidades,
que fábulas não diz, quem quer verdades.

70 — Primeiramente, entrando pela barra,
desvia dos cachopos, que há na terra,
seja tudo vigia, tudo amarra,
porque nos cascos dão a quem não ferra;
e ainda a quem mais dêles se desgarrá;
75 — com fortaleza, ao longe, fazem guerra;
mas se funduras buscas sem perigo,
leva, por fondereza, o que te digo.

Entrando para dentro, põe-te à capa,
que pela proa tens muita cachopa;
das quais, já sem talento, a nado escapa,
80 — quem a tão ruins baixos, não dá a pôpa;
são os mais perigosos que há no mapa,
onde, por encubertos, quem quer topa;
e se se lança a êles, de braçada,
há de sair despido, quando nada.

85 — Nem a uns, nem a outras, do que trazes
parte dêes, nem de rico dêes desenho
que senhor de engenho lá te fazes,
hão de fazer cá canas, dêesse engenho;
90 — Cajás, Cajus, Bananas, e Ananases,
sobejam a inculcar o teu empenho;
e assim evltarás outros perigos,
que procedem de ter muitos amigos.

Êste te vem dizer, e disse aquêlo,
que te não fies dêste, nem de estoutro;
95 — que farás tu então, se te diz dêlo
também que te não fies, aqueloutro?
de todos, o melhor, é que nem êle,
nem êste, nem aquêlo, nem o outro
a tua casa vão; pois por tais modos,
100 — um bom não acharás, achando todos.

Quem cá vem a gastar, para comer,
nem só para comer há de gastar;
e se favor requer, o que requer,
muito melhor do que ir, será mandar;
105 — que logo alcançará quanto quiser,
se neste segredinho souber dar;
e será como pede, o que pedir;
que a respeitos não há que deferir.

De uns, que vêm empenhar peças de prata,
oíha bem se tem lga as suas peças;
que há, destas prendas, muito patarata,
que morrendo por outras, vivem dessas;
e então, se pressa dás ao que as resgata,
110 — com êsse mesmo é fôrça ver-te em pressas;

- 115 — pois todo o seu empenho é fabricado,
a que por peça fiques empenhado.
- Aqui, com atenção mais pronta, escuta;
se com espadachins também te enganas,
em valente não dês, com manha astuta,
120 — por livrar de venidas desumanas;
e vê como te metes nesta fruta,
porque há valentes cá, também bananas;
que querendo-os comprar, de alguma vez,
nunca virás a dar, por mais que dês.
- 125 — E se com presunções entras, ufanas,
ou para Divindades mais te inclinas,
filhas de Acrisios, acharás, humanas,
e Jupiter serás, se vens das minas;
estas, chovendo ouro, são mui lhanas,
130 — mas em passando a chuva, peregrinas,
porque esgotada a bolsa, a casa nua,
há de chover em ti, como na rua.
- Se quiseres montar a tôda a rédea,
como lá no Brasil a todo o trote,
135 — um dia só não percas de comédia,
ganhando a introdução de um fidalgo
que quando tudo, enfim, pare em tragédia,
fica-te a inculcação do camarote,
além daquela entrada peregrina,
140 — *con mi Señora Doña Catalina,*
- Mas tem mão, e tem pé, oh caminhante,
que é bem, que o pé, e a mão, aqui te impida;
porque o pé, sem ter mão, já vai errante,
como a mão, sem ter pé, já vem perdida;
145 — se sua mãe fôr morta, passa avante,
quando não, não vás lá, por tua vida,
olha que te admoesto, meu Mandu,
que encontras um cruel surucucu.
- Essa que representa como mata,
150 — essa que vês mulher, em Sol metida,
nas tablas, verdadeira patarata,
nos ensaios, verdade mal vestida;
essa, enfim, que, de tarde, é bela ingrata,
se de manhã, cruel desconhecida,
155 — é o diabo, em carne; vê tu agora
como entregas a alma a tal senhora.
- Mas olha que Castela é quase França,
Galo não queiras ser, como eu fui Pinto;
que entrar bem Castelhana, se se alcança,
160 — é sair mal Francês, segundo eu sinto;
e assim, Galo te canto, em confiança,
de que ao choro te negues bem sucinto;
que quiçá hoje Pinto não chorara,
se dantes outro Galo me cantara.

- 165 — Porém lá toca o bronze a embarcar,
tendo pouco de leva o meu Navio,
adeus, Mandu, adeus, até voltar,
sirva-te de exemplar o meu desvio;
170 — pois quando os rios todos vão ao mar,
só eu, mar de miséria, vou ao Rio;
que é barra de ouro enfim; tendo entendido
que quem deixar tal barra, vai perdido.

A PRIMEIRA INVASÃO, QUE OS FANCESES FIZERAM NO RIO DE JANEIRO, AONDE BASTARAM OS ESTUDANTES, E OS PRETOS A DESTRUI-LOS, PORQUE O TERÇO DA INFANTARIA, QUE LÁ SE ACHAVA, ESTAVA NO CAMPO A PÉ QUEDO, NO TEMPO EM QUE O INIMIGO ENTRAVA PELA CIDADE: NESTA FUNÇÃO OBRARAM OS PADRES DA COMPANHIA COMO SEMPRE, E AS MAIS RELIGIÕES FUGIRAM COM O BISPO.

DÉCIMAS

- 175 — Canto do Brasil o estado,
sujeto a tanto Bugio,
que nas invasões do Rio
fugiu de ser afogado;
item canto o negregado
valor de tanto rafeiro,
que maus gozos do dinheiro
180 — faz ver a quem, tem agouro,
busca só por barra de ouro
a do Rio de Janeiro.
- 185 — Com primores bem seletos
andaram equívocados
os pretos, como soldados,
os soldados, como pretos;
no campo estavam quietos,
quando os pretos, com bem pressas,
cortavam tantas cabeças,
190 — que qualquer, naquele dia,
sôbre um Francês, parecia
um S. Miguel às avessas.
- 195 — Da Ordenança o bom Prelado,
fiando pouco de si,
por não ter bispado all,
fol buscar outro sagrado;
das ovelhas o trilhado
seguiu, com bastante empenho;
mas eu louvo-lhe o desenho,
200 — porque era o que lhe convinha,
sendo, pois fôrça não tinha,
fôrça o valer-se de engenho.
- 205 — A exceção dos negros eram
outros Bentos no que obraram,
como Frades não andaram,
como pretos o fizeram;

- lá fora consigo deram,
 uns ao remo, outros à vela;
 e na Ilha, à mór cautela,
 210 — todos, com iguais abalos,
 correram como cavalos,
 que tinham largado a sela.
- Quem então, com valentia,
 fêz, contra o Francês adverso,
 215 — de uma companhia um Terço,
 sem passar de Companhia,
 foi, dos Padres a ousadia,
 deixando nesta função
 já solta a antiga questão;
 220 — pois mostraram eminentes,
 que sendo as letras valentes,
 mais nobres que as armas são.
- Os Estudantes provaram
 em como soldados eram,
 225 — e a conclusão defenderam
 das armas, que não cursaram,
 a Minerva dedicaram
 de Belona a plataforma;
 deixando por tal reforma,
 230 — como melhor se penetra,
 as armas em boa letra
 e as letras em boa forma.
- De alguns Paisanos se crê,
 que os danos foram comuns;
 235 — porém morreram alguns,
 que se não sabe de que;
 o que a mim me cheira, é,
 que o que me fede seria;
 porque uma velha, que via
 240 — por um buraco o flagelo,
 diz que era sangue amarelo
 o que por êles corria.
- Um, que em casa se meteu,
 e uma galinha matou,
 245 — de cujo sangue se untou,
 por mostrar bem que era seu;
 com a mulher se coseu,
 sem agulhas, e sem linhas;
 e quando, em horas mesquinhas,
 250 — os negros, por intervalos;
 tratavam de matar galos,
 tratou de matar gallinhas.
- Enfim, podem crer pôr escola,
 e ensinar pontos de guerra,
 255 — os tigres filhos da terra,
 e os leões filhos de Angola;
 se por uma igual vitola

- medem seu valor invicto,
em memória do conflito,
260 — dois lampadários porão,
um a S. Sebastião,
e outro a S. Benedito.

AO NOVO INVENTO DE ANDAR PELOS ARES.

DÉCIMAS

- Esta maroma escondida
que abala a tôda a Cidade,
265 — esta mentida a verdade,
ou esta dúvida crida;
esta exalação nascida
do Português Firmamento;
270 — êste nunca visto invento
do Padre Bartholomeu,
assim fôra santo eu
como êle é cousa de vento.
- Esta fera Passarola,
que leva, porque mais brame
275 — trezentos mil réis de arame,
sômente para a galola;
esta urdida paviola,
ou êste tecido enrêdo;
280 — esta das mulheres mêdo
e enfim dos homens espanto,
assim eu fôra cedo santo
como se há de acabar cedo.

NO RIO DE JANEIRO MANDOU PRENDER AO AUTOR O GOVERNADOR, POR FAZER NISSO A VONTADE A UM SEU VALIDO, QUE SE QUEIXAVA DO DITO AUTOR: CASO NEGADO.

ROMANCE EM ECOS

- Prêso entre quatro Caboclos
me tem sua Senhoria,
285 — pôr uma falsa verdade,
que de uma mentira tira,
Mas se deveras me apertam
por uma galantaria;
que fizeram, se aqui fôra
290 — o que na Bahia ia?
Adonde o Governador
outra mais brava Thalia
consentia que corresse;
pois quando corria, ria.
295 — Se me acenavam com dados,
ia logo o jôgo arriba;
e todo o ano ganhava,
porque não perdia dia.

- 300 — Quando embarquel, duvidava,
que o Rio corrente tinha;
por isso escrevendo à margem,
o que não convinha, vinha.
Fui bulir na Casa de Austria,
sem saber, por vida minha,
305 — que este Conde Lucanor
cá de valla, valia.
Além do tonto asnaval,
diz que também me malquista
um cabeleira forçado,
310 — talvez porque tinha tinha.
Se eu me vira agora sôlto,
talvez que pouco sentira,
de que êle a Belisa amara
que eu amaria a Marla.
315 — E' uma linda muchacha,
por certo, a minha Maricas;
e se não é tão fermosa,
é mais que Belisa, lisa.
Tem já por hábito a môça
320 — ser mais que água benta, pia;
mas ó lá, ter mão na manta,
que o centelo espirra; irra.
Isto só Fábio cantava
ao som de uma guitarrilha,
325 — calando lá para fóra
o que na enxovia via.

AO SENADO DA CAMARA DA BAHIA, QUE MANDOU PRENDER
A UM ESCRIVÃO, CHAMADO POR ALCUNHA O PILATOS, ESTANDO
O AUTOR PRESO.

DÉCIMAS

- Viva o nobre Consistório
do Senado Camarão,
que nos converte a prisão
330 — de Pilatos no Pretório;
é bem público, e notório
quanto a todos nos afflige;
e pois a nós se dirige
brancos, pretos, e mulatos;
335 — alto, cá temos Pilatos,
Crucifige, Crucifige.
- Tôda a casa se assustou;
a mulher se lamentava;
Pilatos tal não sonhava,
340 — nem a mulher tal sonhou:
se como se me contou,
era em tudo o Adiantado
já fica tão atrazado,
que temos lavar-se possa;
345 — pois pela Câmara nossa
fica Pilatos borrado.

- Mas eu sempre presumi
 durar mui pouco esta guerra,
 que Pilatos nesta terra
 350 — tem muita gente por si:
 logo nesse dia o vi
 ir sólto, e livre entre os seus;
 valha o diabo aos Sandeus
 em que a sua fôrça estriba;
 355 — porém não fôra êle Escriba;
 não achara Farlseus.

AO MESTRE DE CAMPO JOÃO DE ARAÚJO, QUE LHE MANDOU
 DA BAHIA UM FEIXO DE AÇÚCAR, E UMA CARTA, QUE SÓ SERVIA
 DE CAPA AO CONHECIMENTO, SEM MAIS LETRAS.

ROMANCE

- Meu Mestre, meu grande amigo,
 de cujo fidalgo têrmo
 tenho, por capa de carta,
 360 — bastante conhecimento.
 Esperal, que eu me declaro;
 digo, que a casa me veio
 um conhecimento vosso,
 coisa, enfim, de vosso engenho.
 365 — Mas ainda aqui não está a conta
 digo, sem outros rodeios,
 que tive carta fechada,
 sem mais letras do que o feixo.
 Cuidando ser da Bahia,
 370 — a abri-la fui mui ligeiro;
 e nenhuma vi de Roma,
 mais breve, nem de mais pêso.
 Primeira via, dizla;
 e mandei logo ao correio;
 375 — que foi o segundo chasco,
 mais leve sim, que o primeiro.
 Pois nem um vintém pesava
 seu breve, ou nenhum compêndio;
 por demais era a primeira,
 380 — e esta foi carta de menos.
 Duas frescas cartas tive,
 por mar uma, outra por vento;
 e nas mesmas qualidades
 respondo, falando fresco.
 385 — Se a quem em branco se assina
 posso escrever quanto quero;
 ei-lo vai; guarda de baixo;
 ninguém se faça amarelo.
 Uma verde, outra madura,
 390 — como o vosso companheiro,
 levareis, do que eu apanho
 em novidades do tempo.
 Cá me dizem, que lá foram
 carregados uns enredos

- 395 — contra vós, de marca grande,
pósto que de pouco preço.
Mas mentem êsses vinagres,
ou do Brasil, ou do Reino,
que eu não vi homem mais puro
- 400 — de barra a barra; isto é certo.
Do Senhor Virrey me espanto;
mas nêle é já achaque velho,
desconfiar dos amigos,
a quem deve mais afetos.
- 405 — Da vossa, e da minha causa
(que é tudo um mesmo processo)
foi seu irmão testemunha,
pelos Santos Evangelhos.
Se aos seus olhos, porventura,
- 410 — chegarem êstes meus versos,
nêles verá que lhe digo,
que no outro Mundo o espero.
Isto se entende, supondo,
que eu vá para lá primeiro;
- 415 — pois pode ser o esperado
o que a Deus é encoberto.
Vós fôstes de cá benquistos,
de lá vistes o mesmo,
eu, por uma, e outra parte
- 420 — vos tirei os depoimentos.
Vós, cuido que não sois nescio;
sempre fôstes mui calado,
e as cartas o estão dizendo.
- 425 — Pois de que sois invejado?
qual é a causa dêste efeito?
mas já sei; êreis valido
e convalido vos crelo.
Alguém dirá, que isto é açúcar,
- 430 — e talvez quem eu suspeito;
mas ouça agora o retôrno,
verá se sou lisongeiro.
A verdade segue agora;
haveis de tragá-la em cheio,
- 435 — e talvez cozendo tudo,
que vos faça bom proveito.
Cá me enchestes as medidas,
e lá também; de que entendo,
que sois amigo de longe,
- 440 — tão igual, como de perto.
A meu favor carregastes,
fazendo um fatal emprêgo.
e já vejo, pelo tiro,
que não sois duro dos fechos.
- 445 — Mas ao açúcar, amigo;
com três mil réis de direitos,
e tantas de tonelada,
digo, o que diz o Arrieiro:
Arre, e que caro êle custa!
- 450 — Irra, e como êle sai azêdo!
perdoai-me, amigo, a frase,

porque isto é fôrça de gênio.
 Por memória, e mimo vosso,
 dentro n'alma o agradeço;
 455 — mas não ganho nada nisso,
 e antes mais do que isso perco.
 Porque dois tostões de busca,
 e três, que importa o carreto,
 pago, além do sobredito
 460 — que isso são outros quinhentos.
 Mandai-me antes de melaço
 um Barril, mais fedorento
 que aquêlê do amigo Câncer,
 com quem eu quis ser Quevedo.
 465 — Pois com isso mimos faço
 a quem galantelos peço;
 que inda que all já não como,
 contudo inda lambo os dedos.
 Ou mandai-me um papagaio,
 470 — se puder ser dos cinzentos;
 e se não serve o toante,
 seja amarelo, ou vermelho.
 E se morrer no caminho,
 (que é o caminho mais certo)
 475 — sempre a cabeça me trazem,
 e não me levam dinheiro.
 Ou de umas contas de côco,
 de que fazem cá mistério,
 podeis haver-me uns Rosários
 480 — de alguns soldados dos Terços.
 Alguma coisa na casa
 há de haver, das que nomelo;
 e em falta das ditas, venha
 de Mangaba um camareiro.
 485 — O sobredito toante,
 que não cheira bem, confesso;
 mas tem o mesmo feitio
 o do fedor, que o do cheiro.
 Se uma rêde me mandeis
 490 — de melo uso, ou intelro,
 eu vos perdoara o mais
 e descançaria ao menos;
 Mas sem essas macaquilces
 sem êsse mel de sendeiros,
 495 — sem contas, rêde, e sem dôce,
 boa farinha faremos.
 E quando nem isso haja,
 (que a tudo isso estou sujeito)
 nada importe: haja saúde;
 500 — venha a carta, e seja em sêco.
 Não vos assineis em branco,
 tomando de mim o exemplo,
 que agora me estendo em Pinto
 e quase que punha em preto.

AO AMIGO AÇÚCAR, JÁ RESTITUIDO AO SEU ANTIGO POSTO
DE OITENTA RÉIS; POR EL-REI NOSSO SENHOR.

DÉCIMAS

- 505 — Ora seja mui bem vindo
o meu doce amado ausente,
livre já dêsse acidente,
que ainda o faz andar caindo;
510 — no Reino, entrando, e saindo
pode, por terra, e por mar,
ou correr, ou navegar;
e pode se divertir
sem mais altura subir
para maior queda dar.
- 515 — A mim me dou parabéns
de o ver em bom preço pôsto;
e já não direi, que um gôsto
vale mais que quatro vinténs;
rogando sempre mil bens
520 — a quem é lei que se gabe;
pôis com modo tão suave
nos tapa a bôca, que obriga,
a que nenhum pobre diga,
caro custa o que bem sabe.
- 525 — Quem tal fêz, fôsse quem fôsse
com piedade, e com abrigo,
bem mostra ser nosso amigo,
pôis nos faz a bôca doce;
e por nos meter na posse,
530 — ou conserva dêste bem,
dar-lhe a vida nos convém;
pôis fica (quando suceda)
pago na mesma moeda
que a vida é doce também.

PETIÇÃO, QUE FEZ O AUTOR DA CADEIA DA BAHIA AO GO-
VERNADOR, QUE SE IA DESCUIDANDO NA SOLTURA.

DÉCIMA

- 535 — Diz Thomaz Pinto Brandão,
estrangeiro na Bahia,
a quem vossa Senhoria
faz natural da prisão;
porquanto está sem ração,
540 — como todo o Mundo vê,
(se acaso crime não é
querer a fome matar)
pede lhe dêem de jantar,
e receberá mercê.

ESTANDO A SERENÍSSIMA INFANTA A SENHORA D. FRANCISCA, EM UMA JANELA, BRINCANDO COM UM SAGUIM, MANDARAM AO AUTOR, QUE FIZESSE A TAL ASSUNTO UM ROMANCINHO.

ROMANCINHO

- 545 — Hoje a uma janela,
se me não engano, vi
um bichinho tão galante,
que me pareceu Sagüim.
Sagüim era de verdade;
550 — suposto que o Sol, dali
bem podia, no cegar,
estorvar-me o distinguir.
Um quase individuo era,
porque era tamanho, assim;
555 — e bem podia ser grande,
que realmente o vi cobrir.
E como o Sol dali era
tão ativo, é de advertir
que pelo não abrasar
560 — cobri-lo de neve quis.
Uma mão, que na cabeça,
lhe vi, me fês presumir,
que para bicho Real
tinha muito de Infantil.
565 — Tinha duas brancas patas,
que lhe davam graças mil;
e de mão posta um toucado
de cinco belos jasmíns.
Brincado pela cintura
570 — com apêrto carmesí,
mais que a prisão, procurava
à liberdade fugir.
Oh ditosa sevandija,
que veste do Brasil,
575 — a lograr em Portugal
afagos de um Serafim!
Lá pobre, na tua terra
não comias mais que Alpíns,
Pitombas, Cajus, Bananas,
580 — dados por mão de um Colomim.
Cá só comes papos de Anjo,
chupas ambrosia sutil,
lambes canelões de alcorça,
dados por mãos de alfentim.
585 — Ora enfim logra a tua dita;
regala-te, meu Sagüim,
continuamente ao Sol pôsto
e pôsto no seu Zenith.

FOI ASSUNTO ACADÊMICO UMA MOÇA, QUE VINDO-LHE NOTÍCIAS DE QUE ERA MORTO UM AMANTE, QUE TINHA NO BRASIL, SE VESTIU DE LUTO COM CAPELO; E CHEGANDO-LHE OUTRA NOTÍCIA MAIS CERTA, DE QUE ERA VIVO O TAL, CAIU MORTA, E MORREU PARA SEMPRE.

ROMANCE

- 590 — Aqui venho, Senhor Mestre,
quero dizer, aqui torno;
não a ouvir o que digo,
mas a fazer o que ouço.
Ouço, que estão nesta classe,
por um mestre, em tudo douto,
595 — os equivocos proibidos;
é mui bem feito; eu lho louvo.
Para alguns é penitência;
mas eu com tal paixão folgo;
por não ver os arrastados,
600 — com que a cada passo topo.
Equivoco foi; mas passe;
eu prometo não dar outro;
êste não calu de fraco,
escorregou de forçoso.
805 — Não falarel quanto quero,
porém direi o que posso;
sim, que temos para isso
muito bom assunto, e nôvo.
Foi o caso, que uma Dama
610 — namorava a um pobre moço,
que não tinha mais ofício,
que aquêle dos ociosos.
Ela tôda era bizarra,
tôda de mantos lustroso,
615 — tôda em seu garbo vestida,
tôda calçada em seu ponto.
Os pais querlam casá-la,
mas não levavam a gôsto
que fôsse com tal sujeito,
620 — porque achavam que era um doudo.
Ele era mui bem prendado;
só lá mostrava em um ôlho
um quase nada de jeito,
que não chegava a ser torto.
625 — Mas, se hei de dizer verdade,
dêstes amantes o estôrvo
foi com dos de Teruel;
sem tirar, nem pôr, o próprio.
Porque também cá a pobreza,
630 — mas que seja em alvo, e louro,
sirve de escalon obscuro
adonde tropieçan todos.
Pedi que lhe dessem tempo
de andar pelo Mundo um pouco,
635 — ou a morrer de cansado,
ou a viver de gotoso.

Deram-lho, de uma viagem
 ao Brasil: e fôsse logo
 640 — cavar como um negro às Minas
 nas lavras, ou quintais de ouro.
 Embarcou-se o desgraçado,
 atando os seus pobres molhos
 em seguir de outros a esteira,
 que era todo o seu negócio.
 645 — Porém vindo daí a um ano
 noticia de que o tal noivo,
 cavando na sua mina,
 se enterrara no seu fôssô.
 Foi na môça tal o pranto,
 650 — que diz que chorara em tornos;
 ao que mil dúvidas tenho
 mas ainda lhas não ponho.
 Demonstrou o sentimento,
 como quem perdera espôso,
 655 — com toalha de viúva,
 muito de bico revoltô.
 Saiu de sala de rabo,
 com duas varas de rodo;
 e seu donaire de barbas
 660 — até a cintura de bordos.
 Mas, dando-lhe outra noticia
 um seu vizinho pilôto,
 (que o tinha a êle levado)
 de que era vivo o tal morto.
 665 — Surtiu tão contrário efelto
 nesta Dama, que o supponho
 mais acidente de raiva,
 do que estocada de gôsto.
 Caiu no chão de repente,
 670 — e estrebuchou de tal modo,
 que por mais que a defumaram,
 não deu de si nada o corpo.
 Para discorrer no caso,
 o que entendo muito, ou pouco;
 675 — a Frei Frade a graça peço,
 e a meu Mestre a vênia tomo.
 Dá-se caso, que esta Dama
 tivesse acenado a outro,
 por divórcio de futuro,
 680 — de presente outro consórcio?
 Seria paixão que teve,
 por ver que andava o tal tolo,
 passeando de morgado,
 com longes de matrimônio?
 685 — Sentiria destoalhar-se,
 porque o espêlho enganoso
 lhe dissesse, que o capelo
 lhe fazia melhor rôsto?
 Teria algumas costuras
 690 — esta môça no pescoço,
 onde talvez a toalha
 lhe tomaria êsses pontos?

- 695 — Contar-lhe-ia o marinheiro,
que no Brasil tinha o noivo
algum emprêgo mulato
quando não fôsse crioulo?
Mas isto para matá-la
não era tão venenoso;
700 — supôsto morram algumas
de Indícios menos supostos.
Porém não foi nada disto,
que amor nela era extremoso;
e se há gostos que dão vida,
também há que matam gostos.
705 — Chegou-lhe a amada notícia,
subiu-lhe o flato amoroso,
afogando-lhe a alma em fumos
dêste amor no purgatório.
Quis mostrar Filis ausente,
710 — naquele pasmo saudoso,
como por Fábio morria;
e morta mostrou o como.
Isto é o que me parece;
salvo outro melhor miolo,
715 — dos que com nome hoje existem
neste Anônimo auditório.

Poemas de THOMAZ PINTO BRANDÃO
Seleção de FERNANDO DA ROCHA PERES

GLOSSARIO

- V. 22 — *Bluteau*: s.v; *Absolto*. Aquelle, a quem se tem dado absolução. *Absolutus*, a, um. Absolto de hum crime. *Criminibus absolutos*, a, um.
- V. 30 — *Moraes*: s.v; *Mandú*, s.m. No Brazil, é contracção pleb. do nome proprio Manoel. & (fig) Tolo, palpavo. *Pinto Renascido*, Poes.
- V. 47 — Um erro tipográfico neste verso: *cor* por *com*.
- V. 65 — *Bluteau*: s.v; *Mentecaulo*. Aquelle que tem perdido o juizo, ou o uso da razão. *Captus mente*. Cic.
- V. 70 — *Bluteau*: s.v; *Cachopo*, Cachôpo, Menino. Rapaz. *Bluteau*: s.v; *Cachopos*, cachôpos. He na entrada da barra de Lisboa hum parcel, que tem alguns tres quartos de legoa de comprido, e meia legoa de largo. [.....] Fingem alguns Poetas Portuguezes, que este nome Cachôpos se appropriasse a estes penedos, escondidos debaxo do mar em memoria de dous meninas, filhos de Ulysses, & de Calipso, a qual de Rayva de ser deixada de Ulysses fundador da Cidade de Lisboa, lançou aos dittos meninos no mar, entre os dittos penedos.
- V. 76 — ("fondereza"). *Valdez*: s.v; *Fondeza* f. (ant.). Fundura. V. Profundidad. *Profundidad*. f. Profundidade; altura desde a superficie até ao fundo. *Profunditas*, altitudo: — profundidade, intensidade de alguma coisa. *Altitudo*, inis: — (fig) profundidade, grandeza, excelencia de engenho.
- V. 78 — *Bluteaus* s.v; *Cachopa*, cachôpa. Menina. Rapariga.
- V. 86 — Um erro tipográfico neste verso: *dês dizinho* por *dês dezenho*. ("nem de rico dêz dezenho" = não dê aparência de rico).
- V. 111 — *Aulete*: s.v; *Patarata* (pa-ta-rá-ta), s.f. mentira jactanciosa; ostentação van. Excusamos *pataratas*, vamos à nossa incumbência

- (Castilho) // -, s.m. e f. pessoa que diz pataratas; pessoa tola, affectada, pretenciosa, impostora, futil. // F. hesp. *Patarata*.
- V. 120 — *Valdez*: s.v; *Venida* f. — (fig) venida; rompimento, impeto, ataque, imprevisto, acção inconsiderada, *Impetus* us; — (esgr.) venida; accommettimento mutuo dos combatentes. Mutua aggressão.
- V. 127 e V. 128 — *Acrisio*; rei de Argos, bisneto de *Danao*, e pai de *Danae*. Tendo consultado o oráculo e sabido que um de seus netos o mataria, encerrou *Danae*, sua filha única, em uma torre de bronze. *Júpiter* resolve fazer *Danae* uma de suas mulheres e desce até a torre em forma de chuva de ouro. *Danae* concebeu de *Júpiter* um filho que recebe o nome de *Perseu*.
- V. 128 — *Júpiter*; em grego *Zeus*, o deus supremo, e pai e senhor dos deuses e dos homens. Para os gregos e romanos, era filho de *Saturno* e de *Rhéa*.
- V. 148 — *Moraes*: s.v; *Surucucú*, s.m. (t. do Brazil). Espécie de serpente, muito venenosa, da familia das viperideas.
- V. 151 — *Valdez*: s.v; *Tabla*. [.....] pl. tablado; parte do theatro onde os actores representam.
- V. 158 — *Bluteau*: s.v; *Gallo*. Natural da antiga Galla. *Gallus*, i. Masc. Cic.
- V. 174 — *Moraes*: s.v; *Bugio*. s.m. Espécie de macaco. & *Peixe* também chamado chimera (simius). B.P. Engenho de barcos para puxar a modo de forquilha. & (fig.) O que arremeda, e limita acções de outrem. & o mesmo que *Pentographo*. & *Bate estacas*; macaco. & *Féros de bugio*; agastamentos, e ameaças fingidas: "os blocos das mulheres esquivosas são como féros de bugio".
- V. 177 — *Bluteau*: s.v; *Negregado* — Palavra do vulgo. Infausto, desgraçado, mofino, vid. nos seus lugares. *Negregada* hora. *Atra hora*, à imitação de *Virgilio*, que chama *Atra dies*, ao dia infelice, & funesto.
- V. 178 — *Aulete*: s.v; *Rafeiro* (ra-*fei*-ru), adj. e s.m. diz-se de certa casta de cães proprios para guardar gado // (Fig. e fam). Diz-se do homem observador e vigilante. // (Ant.) *Febre rafeira*, febre violenta.
- V. 201 — Neste poema entre o V. 201 e o V. 203, à margem esquerda, aparece a nota: "Fogio / pra hu / Enge- / nho".
- V. 227 — *Minerva*; *Atena* e *Palas* entre os gregos, deusa da sabedoria, das artes e da guerra. Era filha de *Júpiter*; segundo a fábula satu toda armada do cérebro deste deus.
- V. 228 — *Belona*; É a deusa da guerra, mulher, mãe ou ama de *Marie* cujo carro ela atrelava e conduzia. Querem alguns que esta mesma deusa seja *Minerva* ou *Palas*.
- V. 233 — *Bluteau*: s.v; *Paisano*. Natural da mesma terra. [.....]
Fullano meu paisano. *Civis meus*. Cic. *Popularis meus*. Cic.
— *Aulete*: s.v; *Paizano* (pai-zã-no), adj. e s.m. compatriota, patriótico. // Que não é militar.
- V. 275 — ("Vitola") — *Aulete*: s.v; *Bitola* (bl-tó-la), s.f. medida por onde alguma obra ha de ser feita; padrão, modelo. // (Fig.). Medir tudo pela mesma *bitola*, não fazer distincção entre o bom e o mau.
- V. 263 — *Aulete*: s.v; *Maroma* (ma-rô-ma), s.f. corda grossa, calibre // Corda sobre que andam ou dançam os arlequins. // Andar na *maroma*, estar encarregado de empresa difficil, andar em trabalhos continuos. // F. ar. *Mahrom*, corda.
- V. 273 — *Moraes*: s.v; *Passarola*. s.f. Passaro muito grande; avejão.
- V. 277 — *Moraes*: s.v; *Paviola*, v. *Padiola*. B. Per. Couto, 8. 20. pode vir de padés ou padéz, ou pavez, padiola, ou paviola.
— *Moraes*: s.v; *Padiola*. s.f. Taboleiro quadrado de taboa sobre quatro pés, e com quatro braços, um em cada extremidade, de

- que pegam dois, ou quatro homens, carregando o que vai no leito da padiola: a *padiola* usada na condução de trastes é ligada apenas por travessas, sem leito de madeira.
- V.283 — *Moraes*: s.v; *Cabocio*, a. adj. (t. do Brazil). De côr avermelhada, tirante a cobre: *panella cabocla*. & —, s.m. (lt) Descendente já civilizado dos aborígenes, e também individuo mestiçado com a raça branca: no norte chamam *cabocios mansos* aos aborígenes civilizados e *cabocios bravios* aos selvagens: a estes chamam no Pará Tapuíos, e no sul Bugres. § Deu-se este nome como injurioso aos portuguezes casados com índias, ou aos que nasciam d'esses matrimonios: foi prohibido esse uso pelo Alv. 4 abril 1755. Especie de maribondo, vespa que dá uma ferroada dolorosa. § Especie de oiti, arvore do matto virgem.
- V.292 — *Thalia*; Uma das nove musas; a da comédia e do idílio. Amada Apolo. É o nome de uma das três *graças*, a que faz crescer as plantas.
- V.338 — Um erro tipográfico neste verso: *lamentavava* por *lamentava*.
- V.401 — *Virrey* é a forma espanhola para Vice-Rei.
- V.433 — Um erro tipográfico neste verso: *verde* por *verdade*.
- V.444 — Um erro tipográfico neste verso: *fecho* por *fechos*.
- V.461 — Neste poema entre o V. 461 e o V. 463, à margem direita, aparece a nota: "Dom / Jero- / ny- / mo".
- V.574 — *Faria*: s.v; *Sevandija* (Covarruvias o deriva de *sapo*, e diz que é quasi *sapandija*) verme, bichinho immundo, (fig.) homem de baixa estoffa, vil, desprezível.
- V.614 — Um erro tipográfico neste verso: *manto lustrosos* por *mantos lustrosos*.
- V.626 a V. 627 — Estes dois versos referem-se a dois amantes, Diego de Marsilla e Isabel de Segura, protagonistas de uma famosa lenda espanhola. Esta lenda está relacionada a um conto de Boccaccio e serve de inspiração a vários escritores espanhóis, como Bartolomé de Villalba y Estaña, Tirso de Molina, dentre outros.
- V.627 — Um erro tipográfico neste verso: *Tervei* por *Teruel*.
— *Teruel*; cidade da Espanha na provincia de Aragão.
- V.709 — *Filis*; Princesa da Grécia, filha de *Licurgo*, Rei da Tracia. Noiva de *Demophoon*, filho de *Theseo*, suicidou-se com barão na garganta, porque seu pretendente tardava em celebrar o casamento.
- V.716 — Um erro tipográfico neste verso: *Anonyno* por *Anónimo*.